

LEITURA 1

[...] esses homens, eles têm muita leitura, conhece muito, mas tem uma parte que eles não conhecem nada. Igual o Coronel falou: ‘essa casa já tá caindo!’. E essa casa tá de pé até hoje. Aí eles condenou isso tudo aqui [...].

A avaliação que eles fizeram foi toda ruim porque não caiu mais nada até hoje. A avaliação foi toda errada. Então disseram: ‘tá tudo embargado’ e tiraram todo mundo. Aí botaram uma firma, entrou a universidade no meio, vieram pra fazer avaliação; veio uma firma pra fazer sondagem na rua. Já não tava caindo barranco nem nada, foi só arrevoada [...]. Na época queria tirar nós daqui de qualquer jeito... nós não sabe qual o motivo, mas ele queria tirar nós aqui de qualquer jeito. Isso aqui tá seguro.

Passaram 3 águas ou 4 e isso não caiu. A minha fundação tá muito bem feita. Coitados, aquilo foi só um alarme falso, e eles tiraram todo mundo e estragou a vida de muita gente. Mesmo se a casa não caiu, não matou, mas estragou a vida de muita gente. Inclusive a minha, da minha família.

(Depoimento de morador de local tecnicamente condenado e decretado como ‘área de risco’ pelo poder público municipal – Juiz de Fora, novembro de 2005).

LEITURA 2

A primeira vez que eu fiquei desabrigada foi, mais ou menos, há 11 anos atrás, quando eu ganhei a Edna. Fomos pro posto policial, em cima. De lá nós fomos pro Centro Comunitário... Aí paramos lá no Centro Comunitário, eu cheguei lá passando um mal danado. Quem acudiu nós foi um pessoal da AMAC que levou nós lá pra Vila São Benedito, pra Polícia Florestal, nós ficamos lá. Mas Deus tenha misericórdia, não tinha nada. Tivemos que fazer fogão de lenha do lado de fora, porque móveis já não tinha mais, porque dessa vez não sobrou nada. O barranco caiu foi todo mesmo [...]. Foi quando nós tivemos o primeiro socorro da Prefeitura. E aí tivemos um acordo que o prefeito tinha dado R\$ 500,00 pra gente desocupar. A gente pegamos, mas como viver com aqueles R\$ 500,00? Como que a gente ia comprar um lote e construir com aquele dinheiro? Voltamos pro mesmo lugar.

(Maria Camélia – Progresso).

LEITURA 3

Os técnicos da Defesa Civil falou isso, que ia cair, só que aí a minha mãe não quis sair de lá, porque meu padrasto bebia muito na época e o bairro que a gente ia era distante, e minha mãe tinha medo de outras pessoas que não conhecia. A gente era criança, não tinha como decidir, eles que eram os adultos que decidiam por nós, a gente continuamos no lugar. Só que a gente nem acreditou muito que ia cair mesmo não, como a Defesa Civil tinha falado com a gente que ia cair o lugar. Aí foi passando só que, do jeito que a Defesa Civil falou, com o passar do tempo começou a cair. Toda chuva caía um pedaço de barranco. Caía um pedaço de barranco, foi indo até começar a atingir a nossa casa. Pra isso acontecer foram 20 anos, 20 anos.

(Aline Cordeiro - Marumbi)

LEITURA 4

Eu fico alegre de estar fora do risco, porque eu tenho meus filhos.

Mas triste porque me pergunto: por que tiraram só nós? Será que nós somos melhor ou nós somos pior? Eu fico analisando. Porque já que você tá com tanta fome, ao invés de te dar meio pão, por que é que não te dá um inteiro pra ver o quanto você agüenta comer?

Pessoa tá com fome, vai lá e tira um pedacinho e dá a ele? Não vai satisfazer... Ah! Deixa o pobre morar onde quer. Eu falei com o engenheiro: por que vocês vão tirar nós daqui? O povo não tem direito de escolher onde quer morar não? Vocês vão me dar uma casa no centro da cidade? Eu quero morar perto da cidade. E ali dava, de coração, pra fazer uns prediozinhos, sem risco, sem nada.

Todo mundo ali tá ciente disso. Eu não sô engenheiro não, mas é só colocar uma fundação lá embaixo. Quer dizer, pros ricos não condena nada, o bolso fala alto, mas pros pobres. Condenado é o bolso dos pobres (grifo nosso). Graças a Deus, eu me encontro trabalhando, tô feliz. Não sei se vai vir mais tempestade pela frente não, mas... Pelo que eu já passei, agora eu tô muito feliz.

Márcia de Oliveira (Poço Rico)